



CORPOS NEGROS NOS ESTUDOS PUBLICADOS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE

BLACK BODIES IN PUBLISHED STUDIES IN SPORTS PSYCHOLOGY

Adriana Inês de Paula¹

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi mapear e analisar o corpo de conhecimento produzido em Psicologia do Esporte referente as relações étnico-raciais, especificamente população negra, publicados na Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática dos artigos publicados entre os anos de 2007 e 2022 e a análise se deu a partir da leitura dos resumos, palavras-chave e método de todos as publicações da revista, seguida da quantificação e classificação dos artigos e assuntos relacionados a temas étnico raciais. Descritores como negro/a, étnico-racial, racismo, discriminação, cor da pele, preto/a, pardo/parda foram termos pré-determinados para a busca. Dos 170 artigos incluídos nessa revisão, 92,35% eram artigos originais, 5,88% eram artigos de revisão ou histórico e 1,76%, relatos de experiência. Entre as publicações analisadas, nenhuma tratou da temática étnico racial ou se utilizou de algum dos descritores nas palavras-chave, resumo ou na amostra. Considerando ter o Brasil a maior população negra fora do continente africano e a maioria da população autodeclarada como negra, as políticas e resoluções que direcionam para a importância de se coletar informações sobre a variável étnica nos sistemas de saúde e nas produções científicas, a Lei 10639/03, seus desdobramentos e impactos nos processos educativos, os impactos que o racismo produz nos níveis de estresse e no desempenho da(o) atleta, é importante refletir sobre os achados e os não achados dessa pesquisa, que constata a necessidade de reverter esse processo de ausências, invisibilidade e de universalização de corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos étnico-raciais. Racismo. Psicologia do esporte.

ABSTRACT

The objective of the present study was to map and analyze the body of knowledge produced in Sport Psychology regarding ethnic-racial relations, specifically the black population, published in the Brazilian Journal of Sport Psychology. To this end, a systematic review of articles published between 2007 and 2022 was carried out and the analysis was based on reading the abstracts, keywords and method of all publications in the journal, followed by the quantification and classification of articles and subjects. related to racial and ethnic issues. Descriptors such as black, ethnic-racial, racism, discrimination, skin color, preto/a, brown/brown were predetermined terms for the search. Of the 170 articles included in this review, 92.35% were original articles, 5.88% were review or history articles, and 1.76% were experience reports. Among the analyzed publications, none dealt with the ethnic-racial theme or used any of the descriptors in the keywords, abstract or sample. Considering that Brazil has the largest black population outside the African continent and the majority of the population self-declared as black, considering policies and resolutions that direct to the importance of collecting information on the ethnic variable in health systems and in scientific productions, considering the Law 10.639/03, its developments and impacts on educational processes, considering the impacts that racism produces on the stress levels and performance of the athlete, it is important to reflect on the findings and non-findings of this research, which notes the need to reverse this process of absences, invisibility and universalization of bodies.

KEYWORDS: Ethnic Racial Aspects. Racism. Sport Psychology.

¹ Professora Adjunta na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora e Mestre em Ciências do Movimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Unesp. E-mail: dripaula9@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Com frequência, deparamo-nos com relatos, notícias, histórias, vídeos e depoimentos sobre situações de racismo. Em várias partes do mundo, o racismo é considerado crime e no Brasil não é diferente, desde 1989 a Lei Federal nº 7.716, conhecida como Lei do crime racial, regulamenta a punição para “crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Recentemente a Lei nº 14.532/2023 altera a anterior e equipara a injúria racial ao crime de racismo, além de prever pena em caso de racismo praticado no “contexto de atividades esportivas, religiosas, artística ou culturais destinadas ao público” (Brasil, 2023).

O racismo se manifesta no cotidiano através de gestos linguagens ou ausências, perpetuadas e alimentadas pela tradição e cultura. Influencia diretamente o funcionamento de instituições, organizações e as relações interpessoais. É uma condição histórica que traz consigo preconceito e discriminação, afetando a população negra em todas as esferas socioeconômicas (Brasil, 2013). O racismo impõe um não lugar, um desconforto, um não pertencimento aos corpos negros, como denuncia Kilomba (2019):

No racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “*fora do lugar*” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. Através de tais comentários, intelectuais *negras/os* são convidadas/os persistentemente a retornar a “seus lugares”, “fora” da academia, nas margens, onde seus corpos são vistos como “apropriados” e “em casa”. Tais comentários agressivos são performances frutíferas do poder, controle e intimidação que certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas (Kilomba, 2019, p. 56).

Prisão por “engano”, xingamentos e agressões, subempregos, *bullying* e violência física e psicológica, falta de oportunidades e acessos, falta de patrocinadores fazem parte de vários relatos de atletas negras/os de diferentes modalidades. Técnicos acusados de racismo, árbitros chamados de macaco, bananas arremessadas em jogadores, ginasta Ângelo, vítima de piadas de próprios companheiros de equipe; atletas do voleibol Fernanda Isis e Fabiana; do árbitro Marcio Chaves da Silva, fazem parte das cenas e manchetes continuamente publicadas (Paula, 2018).

Além de casos muito divulgados, como o do goleiro de futebol “Aranha”; podemos citar vários outros, com menor visualização, mas que foram relatados no Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que tem o objetivo de monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no

futebol brasileiro, como caso da Bruna, funcionária do Estádio Mineirão que foi chamada de “macaca” e de “lixo” por torcedor; caso de Thamires, atleta do Tigresas do Cerrado, que sofreu ataque racista de torcedor da equipe adversária; caso dos torcedores do Grêmio contra o Palmeiras, fazendo gestos racistas durante a partida; caso do Richarlison, atleta da seleção brasileira sendo atacado pela internet; caso do Kayque, atleta do Botafogo que denunciou racismo em abordagem policial; caso do Michel, ex-atleta que sofreu racismo em supermercado (Observatório, 2022). Casos mais ou menos conhecidos, mas que somam a tantos outros que impactam a saúde e a qualidade de vida de quem sofre racismo e, como salientado por Munanga e Gomes (2010), é negligenciado em nossa sociedade:

O racismo no Brasil se dá de um modo muito diferente de outros contextos, alicerçado em uma constante contradição. As pesquisas, histórias de vida, conversas e vivências cotidianas revelam que ainda existe racismo em nosso país, mas o povo brasileiro, de modo geral, não aceita que tal realidade exista. Dessa forma, quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo em nosso país, mais ele se propaga e invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais e educacionais dos negros (Munanga; Gomes, 2010, p. 180).

De acordo com os Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol, que analisa sistematicamente os incidentes raciais no futebol brasileiro e com atletas brasileiros que atuam no exterior, entre 2014 e 2020 foram totalizados 201 incidentes, tendo na região Sul a maior incidência, com 37,3% dos casos, seguida pela região Sudeste, com 29,8%, região Nordeste com 15,9% dos casos, Centro-Oeste com 9,9% e com menor incidência a região Norte, com 7% de casos.

A maior parte das incidências ocorreu em estádios de futebol e a internet também é local atrativo para as(os) que cometem os crimes. Dos 53 casos julgados pela Justiça Desportiva (TJD/STJD), 32 (60%) deles tiveram como consequência a punição das(os) envolvidas(os), enquanto 21 (40%) resultaram em absolvição das partes. As punições variaram entre multas, perda de pontos e mando de campo e suspensão de torcidas no estádio (Observatório, 2022).

Tais incidências de relatos, e cabe salientar que muitos desses números são subnotificados, fazem-nos questionar sobre o impacto da saúde mental dessas(es) atletas que, além de lidar com as tensões naturais do esporte de alto rendimento – controle de nível de ansiedade pré-jogo, pré-campeonato, pré-convocação, até inseguranças de retorno pós lesão – ainda precisam demandar tempo e energia para lidar com contexto cotidiano de racismo. Nem sempre a equipe conta com profissionais capacitados para o acompanhamento psicológico das(os) atletas, ou nem sempre a equipe técnica destina tempo suficiente para essa(e) profissional, que muitas vezes, como afirmam

Lavoura, Zanetti e Machado (2008), são negligenciadas(os). Oliveira; Gonzalez (2020) apontam também a importância do gerenciamento do estresse e do treinamento psicológico para o desempenho equilibrado da(o) atleta.

Outro estado emocional que pode surgir dentro do contexto esportivo é o estresse, que ocorre em função da falta de recursos para lidar com as demandas físicas, sociais, psicológicas ou financeiras que acontecem dentro do esporte ou na vida particular do atleta. Seu surgimento pode estar relacionado com outros estados emocionais, como a ansiedade, e por isso é importante compreender como o processo do estresse acontece e onde é possível intervir (Oliveira; Gonzalez, 2020, p.12).

Os aspectos emocionais, obviamente, não podem ser vistos apenas como fatores negativos, pelo contrário, níveis baixos de ansiedade, por exemplo, pode resultar em fracasso nas modalidades em que tempo de reação é determinante, da mesma forma que níveis altos de excitação podem gerar declínio da habilidade e consequente insucesso na performance (Nucci; Morão; Aroni, 2018). Ajuste e equilíbrio psicológico são fundamentais na performance, no entanto cada atleta tem diferentes percepções sobre o que limita e o que potencializa sobre um mesmo fenômeno e, sendo assim, como descrevem Oliveira e Gonzalez (2020):

É essencial saber quem é o atleta pela sua personalidade, motivação, autoconfiança [...]. Isso irá permitir ajustar uma intervenção focada nas necessidades do atleta buscando regular um nível de ansiedade adequada para melhorar seu rendimento (Oliveira; Gonzalez, 2020, p.24).

Para além de conhecer a(o) praticante enquanto aspectos de personalidade, é fundamental conhecer, ou melhor, reconhecer que diferentes marcadores sociais atravessam a(a) atleta com diferentes impactos, aproximando ou marginalizando sua vivência de privilégios, oportunidades, patrocínios, violências, controle de estresse e das condições otimizadas para a performance máxima. Esse modo otimizado da prática esportiva, como apontado por Sanches e Días (2008), tem sido investigado em diversas áreas do conhecimento.

A prática esportiva é um dos fenômenos que atualmente está sendo investigado em diversas áreas de atuação, sendo considerada uma atividade potencialmente promotora tanto de saúde física quanto mental. A Psicologia do Esporte é hoje um dos campos que está se desenvolvendo de forma significativa e que já agrega um conhecimento científico importante para que se possa atingir esse objetivo e beneficiar o praticante, caso esta atividade seja conduzida de modo apropriado (Sanches; Días, 2008, p. 8).

Pesquisas e estudos sobre os aspectos psicológicos relacionados à prática esportiva tem sido cada vez mais requerida, não apenas ao considerar o elevado nível técnico e tático de atletas e equipes do alto rendimento, mas ao pensar também nas implicações dessa intervenção no esporte educacional e no esporte participação, em situações de lazer e reabilitação.

Considerando a complexidade, isto é, as incontáveis variáveis interdependentes e determinantes para o sucesso da prática desportiva e agregando a esse sistema complexo os impactos relacionados as questões étnico-raciais, como o racismo, o objetivo do presente estudo foi mapear e analisar o corpo de conhecimento produzido em psicologia do esporte referente as relações étnicas raciais, especificamente a população negra, publicados na Revista Brasileira de Psicologia do Esporte.

2 MÉTODO

Foi realizada uma revisão sistemática dos artigos publicados na Revista Brasileira de Psicologia Esportiva entre os anos de 2007 e 2022. Trata-se da revista científica do curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília em parceria com a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (Abrapesp) e tem por objetivo ser um espaço de reflexão, de crítica, de debate e de divulgação do que se faz na Psicologia do Esporte na atualidade, abrangendo todas as áreas profissionais e educacionais relacionadas com o conhecimento, com estímulo a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, publicando artigos originais, de revisão ou históricos e relatos de experiência nessa área.

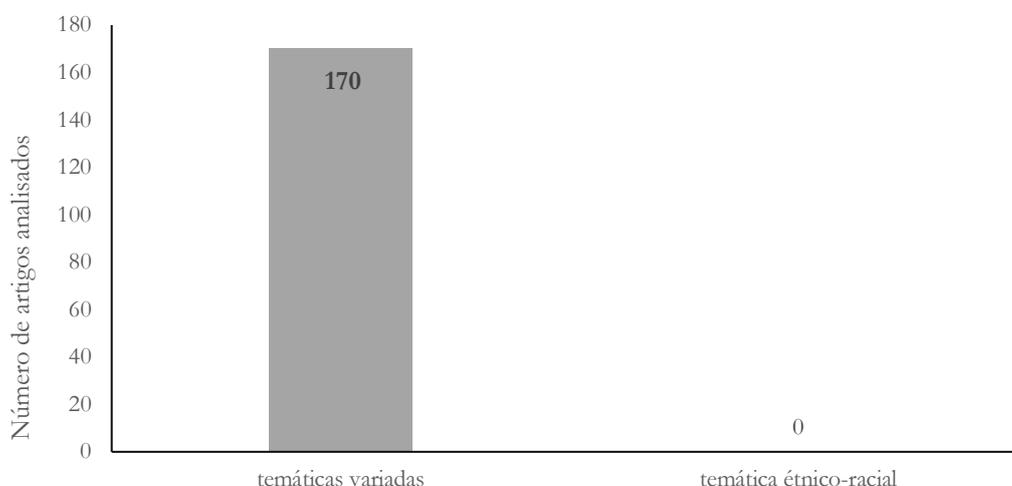
A análise se deu a partir da leitura dos resumos, palavras-chave e método de todos as publicações da revista, seguida da quantificação e classificação dos artigos e assuntos relacionados a temas étnico-raciais. Descritores como negro(a), étnico-racial, racismo, discriminação, cor da pele, preto/a, pardo/parda foram termos pré-determinados para a busca. Foram adotados como critérios de inclusão os artigos originais, artigos de revisão ou históricos e relatos de experiência. Como critério de exclusão as resenhas de filmes e livros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 170 artigos incluídos nessa revisão, 157 (92,35%) eram artigos originais, 10 (5,88%) eram artigos de revisão ou histórico e 3 (1,76%), relatos de experiência. Entre as publicações

analisadas, 155 (91,2%) estavam em português e 19 (8,8%) em inglês e, como observado na Figura 1, dos 170 artigos então analisados, nenhum tratou da temática étnico-racial ou se utilizou de algum dos descritores negros(a), étnico-racial, racismo, discriminação, cor da pele, preto(a), pardo(a) nas palavras-chave, no resumo ou na amostra/método.

Figura 1. Comparação das publicações da Revista Brasileira de Psicologia Esportiva entre temas variados e temática étnico-racial entre 2007 e 2022



Fonte: A autora, 2023.

Dentre as inúmeras e variadas temáticas abordadas pela revista, encontramos a motivação para a prática esportiva, ansiedade e depressão, percepção de esforço, papel da família, desigualdades de gênero, predição de Burnout, (in)satisfação com a imagem corporal, programa de saúde mental para atletas e treinadores, razões para a prática do exercício físico e muitas outras. Considere se esses temas citados fossem analisados também com o recorte racial. Essa é uma das demandas contida no Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12288/2010) que, ao tratar da saúde da população negra, indica “O fomento à realização de estudos e pesquisas sobre racismo e saúde da população negra” (Brasil, 2010) e ainda, obriga a inclusão do quesito cor nos instrumentos de coleta de dados nos sistemas de informação do SUS.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra ao definir objetivos, marcadores e estratégias para a melhoria das condições de saúde da população negra, com o propósito de garantir maior grau de equidade à efetivação do direito humano à saúde, inclui a utilização do quesito cor em todos os instrumentos de coleta de dados adotados pelos serviços públicos e na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS 196/96) foi introduzido o recorte racial em toda

e qualquer pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 2013). Lorde (2020) aponta a importância do não silenciamento das diferenças:

Certamente existem diferenças muito reais entre nós, de raça, de sexo, de idade, de sexualidade, de classe, de visão de mundo. Porém, não são as diferenças entre nós que nos afastam, que destroem o que temos em comum. É, em vez disso, nossa recusa em examinar as distorções que emergem de suas designações equivocadas e do uso ilegítimo que se pode fazer dessas diferenças quando não as reivindicamos nem as definimos por nossa conta (Lorde, 2020, p. 43).

Dentre as inúmeras variáveis utilizadas para traçar o perfil das amostras dos estudos investigados na pesquisa encontramos: sexo (mais do que gênero), tipos de modalidades esportivas, tempo de experiência com a prática esportiva, nível de escolaridade, idade, número de lesões, orientação sexual, estado nutricional e atitudes alimentares, entre várias outras. Ao considerarmos que no, Brasil, mais da metade da população é composta pela população negra e, que essa população sofre com a desigualdade social, causa estranheza a ausência total de marcadores étnicos, sobretudo dos estudos posteriores | às Leis e Resoluções citadas anteriormente.

Ao considerar a ideia da universalização da educação, da sociedade, dos corpos, das(os) sujeitas(os) de pesquisas, concordamos com o pensamento de Cunha Junior (2005), que nos auxilia no entendimento dessa ausência do marcador racial nas pesquisas investigadas.

A presença de africanos e afro-descendentes na cultura e na história não é realizada na forma completa e satisfatória, como seria simples e natural. Deveríamos estar em todos os capítulos, dada a nossa existência e participação constante em todos os setores da cultura, em todos os momentos da história. Essa representação na história e na cultura não é realizada, pois estamos submetidos a um processo de dominação e de imposição da cultura denominada ocidental. Estamos dentro de um sistema de educação considerado universal, que transmitiria em hipótese a essência da cultura humana, na sua diversidade. No entanto, esta visão de universal funciona como a imposição de uma visão eurocêntrica de mundo. As ideias de ocidente e a cultura ocidental são utilizadas como parte da dominação cultural. No trato dado ao universal, desaparecem as especificidades, ficam as categorias gerais, que são as da cultura grego-romana, judaico-cristã. Essas culturas fundamentam o eurocentrismo. E desconhecem como relevantes as expressões de africanos e afro-descendentes (Cunha Junior, 2005, p. 254).

Ao apresentar os avanços necessários para área da psicologia do exercício e esporte, Rebutini (2020) aponta para a necessidade da criação ou da manutenção de um modelo “interdisciplinar, multifacetado e complexo em constante transformação, ao qual os atletas e demais membros do ambiente esportivo vivem e convivem, e que perpassam por diversas áreas de conhecimento” (Rebutini, 2020, p. 128).



Para além desse modelo teórico baseado na complexidade, o olhar para a(o) sujeita(o) complexo que participa não apenas da pesquisa, mas das equipes desportivas, dançarinos, ginastas, árbitros, praticantes das atividades de lazer e recreação, também deveria ser incentivado, e isso vale também para as demais áreas e subáreas do conhecimento, não apenas para a Psicologia do Esporte. A ausência de informações constituintes do ser, como alerta Rebutini (2020), pode fragilizar os resultados dos estudos.

A ausência de uma descrição precisa dos participantes e do contexto esportivo traz imensa fragilidade aos estudos psicométricos no esporte e que podem acarretar em inúmeros problemas, tais como: imprecisão dos instrumentos, limitações quanto a aplicação do instrumento, interpretações e, conseqüentemente, intervenções inadequadas originadas pelas análises, a perda da reprodutibilidade dos procedimentos e a limitação de estudos comparativos. Os autores concluem que é urgente e mandatório uma revisão de como os pesquisadores estão reportando as variáveis dos estudos e o contexto em que estão sendo feitas as pesquisas no esporte (Rebutini, 2020, p. 129).

Considerando ainda a complexidade do e de ser, e apontando para uma solução metodológica no sentido de ampliar o entendimento das(os) sujeitas(os), a lente interseccional permite que a coincidência entre as identidades de raça, sexo, classe, sexualidade e tantos outros marcadores seja plenamente evidenciada e incorporada na análise estrutural, seja no âmbito profissional, pessoal ou esportivo, proporcionando, assim, à análise feminista, a perspectiva para abarcar o verdadeiro alcance da vida, de toda a complexidade humana.

A interseccionalidade, entendida como uma ferramenta de análise, parte da sinergia entre a pesquisa crítica e a práxis. Enquanto pesquisa crítica, fornece uma abordagem mais perspicaz para o desenvolvimento de pesquisas e análises; enquanto práxis, permite nortear, ou “sulear”, como sugere Campos (1999), como as pessoas ou coletivos produzem e usam a estrutura da interseccionalidade no seu dia a dia, nas suas intervenções, nas suas práticas (Collins; Bilge, 2021).

Para compreender os entrecruzamentos de eixos, a interseccionalidade é a principal ferramenta teórico/metodológica utilizada, pois, além de propor ampliação nas possibilidades de diálogos entre diversas áreas do conhecimento, possibilita um debate para além da hierarquização de opressões, buscando captar e analisar as singularidades que se estabelecem em cada experiência narrada (Rego, 2021, p. 6).

A utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica fornece uma lente mais abrangente para abordar as complexidades da equidade educacional. Alinhar a literatura sobre identidades interseccionais aos contextos de ensino reais, pode ser bastante útil para docentes e profissionais da educação (Crenshaw, 2002; Collins; Bilge, 2021).



Aprimorar o olhar de maneira interseccional amplia as possibilidades de enxergar e compreender as pessoas plenamente. Detectar os diferentes marcadores permite traçar estratégias de aproximação, de acolhimento, de valorização das diferenças, bem como desenvolver metodologias educacionais e prática educativas e esportivas mais adequadas, direcionadas e completas para cada pessoa/atleta. Considerar que cada um e cada uma tem demandas e trajetórias específicas, pode ser o primeiro passo para relações mais humanas, livres de ausências, opressões, injustiças e desigualdades sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo de conhecimento produzido em psicologia do exercício e do esporte, publicados na Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, a principal revista sobre essa temática no Brasil, não apresentou pesquisas cujo objetivo, palavras-chave ou amostra/participantes tivessem referência com as relações étnico raciais.

Considerando ser a população brasileira, em sua maioria (56%), constituída de pessoas que se autodeclaram como negras (pretas ou pardas) (IBGE, 2022), as políticas e resoluções que apontam a importância de se coletar informações sobre a variável étnica nos sistemas de saúde e nas produções científicas, a Lei 10639/03 (Brasil, 2003), seus desdobramentos e impactos nos processos educativos, e ainda os impactos que o racismo produz nos níveis de estresse e no desempenho da(o) atleta, é importante refletir a respeito dos achados e principalmente sobre os não achados dessa pesquisa, que constata a necessidade de reverter esse processo de ausências, invisibilidade e de universalização de corpos negros nos mais diversos territórios, inclusive nos espaços esportivos e em suas diferentes dimensões: educacional, lazer, reabilitação e/ou auto rendimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 jul. 2010.

BRASIL. **Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 11 jan. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política nacional de saúde integral da população negra: uma política para o SUS.** 2ª ed., Brasília, DF: Editora do Ministério de Saúde, 2013.

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Sulear vs nortear: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. **Série documenta**, ano VI, n. 8. EICOS, Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável, Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan., 2002.

CUNHA JUNIOR, Henrique. “Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira”. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 249-274.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAVOURA, Tiago Nicola; Zanetti, Marcelo Callegari; Machado, Afonso Antonio. Os estados emocionais e a importância do treinamento psicológico no esporte. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 2, p. 115-123, 2008.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu, 2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** 2. ed. São Paulo: Global, 2010.

NUCCI, Thais Batista; MORÃO, Kauan Galvão; ARONI, André Luis. Nossos atletas ‘amarelam’ em jogos olímpicos?! In: ARONI, André Luis *et al.* (org.). **Os esportes e as novas tecnologias.** São Paulo: Hipótese, 2018. p. 170-187.

OBSERVATÓRIO da Discriminação Racial no Futebol 2021. **Relatório anual da discriminação racial no futebol**, Museu da UFRG, Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022.

OLIVEIRA, Bruna Feitosa; GONZALEZ, Luis Cesar Spatari. Ansiedade e estresse. In: MORÃO, Kauan Galvão (org.). **Visões contemporâneas da psicologia do esporte.** São Paulo: Edições Hipóteses, 2020, p. 12-26.



PAULA, Adriana Inês. Corpos insólitos no regrado ambiente esportivo: a regra é clara? In CAVALCANTE JUNIOR, F.S. (org). **Corpos insólitos**. Curitiba: CRV, 2018. p. 115-134.

REBUSTINI, Flávio. Avanços em psicologia do exercício e esporte. In: MORÃO, K. G.; BAGNI, G.; LEMOS FILHO, J. P.; MACHADO, A. A. (org.). **Visões Contemporâneas da Psicologia do Esporte**. São Paulo: Edições Hipóteses, 2020.

REGO, Yordanna Lara Pereira. **Combinamos de não morrer**: transfobia, racismo e resistência à necropolítica entre pessoas trans negras em Goiás, 2021. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Goiás, 2021.

SANCHES, Simone Meyer; DÍAS, Joaquín Dosil. Um olhar positivo sobre a psicologia do esporte: contribuições da psicologia positiva. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2008.

Enviado em: 13/04/2023
Aceito em: 08/02/2024